

CORREIO DO POVO
23/11/1952
página 4
Reinaldo Moura

*faltam
mais informa-
ções aqui.*

REY
Clé 0282
analisar
T10754
Sist. 59241

A Força da Imaginação

(Especial para o Correio do Povo)

Não faltou quem, pensasse numa possível catástrofe cósmica antes da primeira experiência com a bomba atômica. Alguns cientistas apagados e sem nenhuma projeção no mundo, fizeram também suas advertências em vagas entrevistas, de pequena repercussão. Eram homens sem essa grande autoridade que vem das posições oficiais dos prestigiosos laboratórios onde trabalham, da seriedade com que avançam qualquer declaração, baseando-se sempre numa certeza matemática. Eram observadores um tanto fora do mundo das realidades, e que acreditavam no contágio da matéria total, tocada pela explosão em cadeia dessa primeira porção de urânio.

Naturalmente o leigo acredita em muitas coisas que são possíveis. E as vezes, com surpresa para os que na verdade entendem do assunto, certas coisas imprevistas acontecem.

Foi baseado nessa faixa de incertezas, existente em quase todos os conhecimentos humanos que Orson Welles realizou aquela emissão radiofônica sobre o suposto contágio de toda a substância do mundo ao impacto da primeira explosão nuclear.

Esse mesmo autor já havia radiofonizado a novela de Welles sobre a guerra dos mundos, onde os marcianos atacam a terra. Eram máquinas de sonho descendo entre os homens, nas cidades estarecidas. Eram seres de pesadelo semeando entre nós esse pavor medular que vem do desconhecido. Parece que essa emissão causou nos Estados Unidos um profundo abalo. Houve gente que acreditou na realidade desse pesadelo irradiado com todas as características de coisa que estivesse mesmo acontecendo. Certos jornais mencionaram suicídios de alguns desesperados mais impressionáveis. Porque afinal, tudo é possível nesse país onde os homens parecem andar sempre em busca de sensações inéditas.

Depois, foi a teatralização do resultado da explosão atômica. A voz do locutor gritava. Um bloco enorme de matéria contagiada, estava se desagregando e se aproximava do continente. Toda a matéria do mundo começava a sofrer estranhos sintomas. Certos metais se aqueciam subitamente, começava a evaporação universal. O grande bloco, já localizado, despendia uma temperatura do inferno. E não estava muito longe, não. O próprio mar começava a entrar em ebulição. Algumas cidades da costa haviam sido evacuadas. O terror chegava para varias zonas da terra.

Dessa vez, foi pior. Não estava longe de parecer uma verdade esse acontecimento espantoso que o radio anunciava, e que a ninguém poderia parecer o que na realidade era: uma novela curta e intensa, baseada na fantasia científica do que poderia acontecer ao mundo se, desgraçadamente, este contágio fosse possível.

Como da vez anterior, suicídios. Um pânico imenso se apossava de populações inteiras. Foi necessário desmentir tudo, e assim mesmo...

Muita gente, depois, tratou de verificar essa possibilidade, procurando nos compêndios de vulgarização a palavra das técnicas. E assim voltou a tranquilidade aos espíritos.

Mas acontece que, agora, são outras explosões que se realizam. Já estamos familiarizados com a energia nuclear, depois de tanto lermos coisas a respeito da mesma, mesmo sem querer, que todas as publicações que se presam trazem sempre informações sobre o assunto. Agora é a bomba de hidrogênio que começa. E o leigo, naturalmente, não sabe distinguir uma coisa da outra, nem percebe que haja analogias entre ambas. Diante do noticiário que afirma haver desaparecido uma ilha inteira na primeira experiência com o novo explosivo (não sabemos exatamente o tamanho da ilha), diante disso começa de novo a indagar em silêncio consigo mesmo. Se não será possível, amanhã, na hora de maior tranquilidade em sua vida, sentir que o mundo começa a se desagregar numa espécie de terremoto sem fronteiras, solução talvez para todos os problemas que neste instante nos inquietam.

Como se vê, é bom ser leigo em muitas coisas, para poder delirar de vez em quando com as construções da própria imaginação. Como aquele homem que estava convencido de que o raio, ao matar, destrói também a alma. Tal como a cadeira elétrica, depois da qual, realmente, não sobra para o outro lado nenhuma sombra que prolongue em outro plano o fantasma que o homem já era em vida.